26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

CROWDSOURCING COMO ESTRATÉGIA PARA A DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA COLABORATIVA

CROWDSOURCING AS A STRATEGY FOR COLLABORATIVE MUSEUM DOCUMENTATION

Renata Cardozo Padilha – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Letícia Felix Voltolini – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O presente artigo analisa plataformas colaborativas no âmbito do patrimônio cultural que utilizam o crowdsourcing como estrutura organizacional. Parte-se da compreensão de que os processos documentais em museus permanecem centrados na autoridade institucional, limitando a participação social na construção das informações sobre os acervos. Nesse contexto, busca-se compreender de que maneira diferentes agentes sociais podem contribuir para processos de documentação museológica colaborativa. A pesquisa caracteriza-se como descritiva, de abordagem qualitativa e quantitativa, tendo como procedimento metodológico a revisão sistemática de literatura. O levantamento permitiu identificar plataformas digitais voltadas ao patrimônio cultural que operam por diferentes formas de colaboração, abrangendo práticas como transcrição de documentos, tagueamento de imagens, análise de conteúdos, cocriação de conhecimento e financiamento coletivo. Os resultados evidenciam que o crowdsourcing amplia as possibilidades de produção, análise e compartilhamento de informações sobre os acervos museológicos, permitindo a incorporação de diferentes perspectivas aos processos documentais. Conclui-se que o uso de plataformas colaborativas no patrimônio cultural amplia as formas de participação pública na documentação museológica em ambientes digitais, favorecendo processos informacionais mais descentralizados e colaborativos.
Palavras-chave: documentação museológica; crowdsourcing; museus; patrimônio cultural.

Abstract: This article analyzes collaborative platforms in the field of cultural heritage that use crowdsourcing as an organizational structure. It is based on the understanding that documentary processes in museums remain centered on institutional authority, limiting social

participation in the construction of information about museum collections. In this context, the study seeks to understand how different social agents can contribute to collaborative museum documentation processes. The research is characterized as descriptive, with qualitative and quantitative approaches, using a systematic literature review as its methodological procedure. The survey identified digital platforms focused on cultural heritage that operate through different forms of collaboration, including document transcription, image tagging, content analysis, knowledge co-creation, and crowdfunding. The results show that crowdsourcing expands the possibilities for the production, analysis, and sharing of information about museum collections, allowing the incorporation of different perspectives into documentary processes. It is concluded that the use of collaborative platforms in cultural heritage broadens public participation in museum documentation within digital environments, fostering more decentralized and collaborative informational processes.
Keywords: museum documentation; crowdsourcing; museum; cultural heritage.

1 INTRODUÇÃO

A documentação museológica, campo consolidado no âmbito da Museologia, exerce grande influência no desempenho das diversas áreas desse setor, uma vez que sua ausência pode limitar e prejudicar o trabalho desenvolvido no museu, restringindo o acesso às informações dos objetos e, consequentemente, reduzindo sua função social e cultural junto à comunidade (Padilha, 2014, p. 38). No que se refere à prática do registro do acervo museológico, especificamente a documentação do objeto, sobre a qual este artigo se debruça, observa-se que o processo de registro de um bem musealizado é estritamente institucionalizado, já que é realizado apenas por profissionais de museus, o que evidencia uma autoridade institucional sobre as informações de contextualização dos acervos museológicos. Nessa perspectiva, ao refletirmos sobre a Lei 11.904 de janeiro de 2009, que diz respeito ao alinhamento dos museus com as questões sociais em suas diversas esferas, pode-se notar que a área da documentação museológica é a menor contemplada em aspectos sociais.

No entanto, embora os profissionais de museus possuam a expertise técnica para a descrição dos acervos, a qual contempla nomenclaturas padronizadas sobre formas de produção, materiais e técnicas, bem como informações basilares de contextualização, não se pode afirmar que tais informações sejam únicas e inequívocas. Além disso, a inserção de lógicas que incluam a participação e a colaboração social encontra barreiras nos próprios procedimentos burocráticos institucionais. Barboza e Mendonça (2024) observam que a tomada de decisão na gestão patrimonial permanece centralizada no corpo técnico e nos cargos de chefia. Segundo as autoras, restrições formais à intervenção externa, frequentemente justificadas pela necessidade de manutenção da padronização e do rigor

normativo, podem atuar como mecanismos de manutenção da colonialidade na administração pública. Nesse sentido, a descentralização das decisões e o compartilhamento da governança constituem desafios para a incorporação efetiva da participação social nas instituições de patrimônio (Barboza; Mendonça, 2024).

Ao excluir a sociedade dos processos de interesse do museu, corre-se o risco de esvaziar a própria razão de ser dessas instituições. Se os museus existem para servir à sociedade e com ela se desenvolver, torna-se essencial uma atuação colaborativa. Essa colaboração deve abranger desde o desenvolvimento de ações culturais e educativas até a participação na elaboração de planos museológicos e outras frentes de gestão. Do mesmo modo, deveria contemplar atividades mais técnicas, como a documentação museológica, permitindo que a sociedade contribua com suas diversas expertises. Tal abertura é fundamental, especialmente no que tange a acervos de povos indígenas, afrodescendentes, quilombolas e outros grupos historicamente invisibilizados, que frequentemente tiveram seus bens culturais catalogados de maneira pejorativa ou limitada sob um olhar exclusivamente colonial.

O *crowdsourcing* tem se consolidado como uma estratégia cada vez mais utilizada em museus, bibliotecas e arquivos. Ridge *et al.* (2021) destacam que esses projetos podem contribuir para novas possibilidades de pesquisa e para a revisão de práticas, definições e classificações anteriormente estabelecidas. Entretanto, a participação não deve ser compreendida como uma solução automática para as desigualdades presentes nas instituições de memória, uma vez que seus legados históricos influenciam aquilo que foi preservado e as formas como diferentes grupos são representados nas coleções.

É partindo dessa premissa que se propõe o uso do *crowdsourcing* como perspectiva metodológica para ampliar os olhares acerca da descrição dos acervos museológicos. Assim, o presente estudo dedica-se a um levantamento de plataformas no âmbito do patrimônio cultural, buscando identificar como essas ferramentas permitem que diferentes agentes sociais contribuam para o desenvolvimento de uma documentação museológica colaborativa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A documentação museológica, conforme conceitua Padilha (2014), compreende o registro sistemático das informações de todos os acervos que integram uma instituição. Esse campo estrutura-se a partir de dois pilares complementares: a documentação das práticas

administrativas, voltada ao registro institucional que legitima as ações do museu; e a documentação do objeto museológico, dedicada ao registro das características intrínsecas e extrínsecas do acervo propriamente dito (Padilha, 2014). No que tange à documentação do objeto, faz-se necessário considerar a multiplicidade de significados e camadas que revestem o acervo, o que faz dele um objeto único a ser salvaguardado.

Nesse sentido, a adoção de um único paradigma de documentação pode levar à exclusão de outras perspectivas e narrativas. Conforme aponta García Gutiérrez (2006), todas as instâncias têm direito à razão e à transmissão do conhecimento em igualdade de condições. Assim, a centralização da catalogação museológica em um referencial normativo único não apenas limita a diversidade epistemológica, mas também pode reforçar relações hierárquicas no processo de documentação.

Esse fenômeno de exclusão tem raízes históricas profundas. O processo de constituição das práticas documentais no Brasil consolidou modelos pautados no espelhamento de práticas curatoriais europeias e orientados à produção de discursos históricos oficiais (Lopes; Padilha; Ladeia, 2021). Essa herança colonial determinou como as instituições de memória registraram (e ainda registram) as culturas que fugiam do padrão, validando visões distorcidas e violentas sobre essas.

Um exemplo emblemático dessa violência institucional e da inadequação técnica é o caso do acervo do “Nosso Sagrado”. Inicialmente confiscados pela Polícia Civil do Rio de Janeiro como parte de uma política de Estado de repressão à expressão cultural e religiosa afro-brasileira, os itens foram inseridos no Museu da Polícia Civil e catalogados sob a denominação pejorativa de “Coleção Magia Negra”. Em 1938, esses mesmos objetos foram inscritos no livro de tombo do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual IPHAN) sob a mesma nomenclatura (Oxum; Iansã; Versiani; Chagas, 2021). O episódio ilustra como os acervos podem ser registrados de maneira desrespeitosa e descaracterizada de seu real contexto, evidenciando o racismo estrutural e a intolerância religiosa cristalizados na burocracia documental do patrimônio.

O caso evidencia que as práticas de documentação não se restringem ao registro de informações preexistentes sobre os objetos, mas participam ativamente da construção dos sentidos atribuídos aos acervos. Nessa perspectiva, Turner (2020) chama atenção para as relações entre colonialismo e organização do conhecimento, destacando que processos como padronização, classificação e denominação podem reproduzir dinâmicas de poder e contribuir

para a marginalização de determinados materiais e grupos. A autora ressalta, ainda, que "[...] o poder de nomear é uma forma de organizar, de detalhar, de tornar a informação e o conhecimento acessíveis a um público constituinte específico e imaginário" (Duarte; Belarde-Lewis, 2015, p. 681 *apud* Turner, 2020, p. 5, tradução nossa). Assim, a escolha dos termos empregados na documentação museológica não constitui uma operação meramente técnica, uma vez que influencia a forma como os objetos são identificados, compreendidos e posteriormente recuperados pelos usuários.

Essa dimensão da nomeação também pode ser compreendida a partir da reflexão de Mary Douglas sobre classificação e ordenação, mobilizada por Turner (2020). Para Douglas, os processos de classificação organizam aquilo que é percebido como pertencente ou não a determinada estrutura de pensamento. Uma vez nomeados e classificados, os objetos tendem a ser percebidos a partir das categorias que lhes foram atribuídas, favorecendo a reprodução de classificações já estabelecidas. No contexto museológico, essa dinâmica permite compreender como terminologias incorporadas aos sistemas de documentação podem adquirir aparência de neutralidade à medida que são reiteradamente utilizadas. Assim, termos inicialmente vinculados a determinadas perspectivas históricas e institucionais podem ser naturalizados e reproduzidos em novos registros, mesmo quando já não correspondem às identidades, aos contextos ou às perspectivas das comunidades relacionadas aos objetos.

Diante disso, nota-se a não neutralidade desses espaços de poder. Como observa Chagas (2009), o museu é produzido por narradores específicos que lhe atribuem significados histórico-sociais distintos, tornando-se um centro produtor de significações marcadas por disputas e conflitos que evidenciam seu caráter de arena política. Torna-se, portanto, primordial questionar por quem e para quem seus textos narrativos são construídos e interpretados.

Para subverter essa lógica de discursos puramente técnicos sobre os acervos, novos arranjos metodológicos fazem-se necessários. Abre-se espaço, portanto, para a aplicação do conceito de inteligência coletiva que, segundo Lévy (2003, p. 28), constitui-se como "[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências".

Sob essa perspectiva, a estratégia de *crowdsourcing* pode ser vista como uma ferramenta de suporte à gestão museológica. A inclusão do público possibilita diversificar as fontes sobre o acervo e descentralizar o discurso institucional, favorecendo a integração de

novas narrativas e a revisão de lacunas nos registros existentes. Contudo, Ridge *et al.* (2021) ressaltam que essas iniciativas não partem de uma "tela em branco", uma vez que as instituições de memória carregam legados históricos relacionados ao imperialismo, à escravidão, ao preconceito e a outras desigualdades, que influenciam aquilo que foi preservado e quem é representado nas coleções. Dessa forma, o *crowdsourcing* não constitui, por si só, uma solução para as desigualdades presentes na documentação, sendo necessário considerar as condições históricas e institucionais que atravessam a participação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se por uma abordagem de natureza qualitativa, com objetivos descritivos. Quanto aos procedimentos metodológicos adotados, classifica-se como uma pesquisa de natureza básica, visto que busca gerar novos conhecimentos para o avanço da ciência sem previsão de aplicação prática (Prodanov; Freitas, 2013). Em relação aos seus objetivos, define-se como uma pesquisa descritiva, pois visa registrar e descrever os fatos observados sem interferir neles (Prodanov; Freitas, 2013). Para atingir os objetivos propostos, realizou-se uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL), com o intuito de mapear plataformas colaborativas no âmbito do patrimônio cultural voltadas ao desenvolvimento da documentação museológica. A revisão sistemática de literatura é definida como uma modalidade de investigação científica que "[...] que segue protocolos rígidos, transparentes e específicos com o intuito de explicar todos os passos de busca, identificação, seleção, obtenção de dados, análise e descrição de uma pesquisa" (Brito; Martins, 2024, p. 24)

O percurso metodológico foi estruturado em duas etapas. A primeira consistiu na realização de buscas em bases de dados selecionadas, mediante a aplicação de uma *string* de busca específica para a recuperação de artigos que mencionassem plataformas colaborativas direcionadas ao patrimônio cultural. Na segunda etapa, após a identificação das plataformas pertinentes ao escopo desta pesquisa, foram aplicados critérios de inclusão e exclusão para selecionar apenas aquelas que atendessem aos requisitos estabelecidos.

A RSL fundamenta-se na metodologia SALSA (*Search, Appraisal, Synthesis, Analysis*), proposta por Grant e Booth (2009)[1]. A estratégia de busca foi estruturada prioritariamente

[1] O processo compreende quatro etapas: a Busca (*Search*), que consiste na definição de estratégias exaustivas em bases de dados selecionadas; a Avaliação (*Appraisal*), que aplica critérios de inclusão e exclusão para garantir a qualidade metodológica dos estudos; a Síntese (*Synthesis*), voltada à organização e ao agrupamento

com descritores em língua inglesa, uma vez que as bases de dados selecionadas operam majoritariamente nesse idioma. Para a recuperação dos estudos, foi definida a seguinte string de busca: (*museum OR museums OR museology OR "cultural heritage" OR "art exhibitions" OR "digital collection") AND (crowdsourcing OR "open collaboration" OR "open innovation" OR "community sourcing" OR "collaborative work" OR "crowd work" OR "crowd labor" OR "crowd participation" OR "open platform"*).

A busca foi realizada em três bases de dados internacionais, sendo: *Information Science & Technology Abstracts* (ISTA/EBSCO); *Scopus* (Elsevier); *Web of Science* (Clarivate Analytics). Os critérios de seleção da RSL visaram garantir a atualidade e a qualidade do *corpus*. Foram incluídos artigos científicos revisados por pares (2015-2025), nos idiomas português, espanhol e inglês, que abordassem *crowdsourcing* e tecnologias colaborativas no contexto do patrimônio cultural. Em contrapartida, foram excluídos estudos sem acesso ao texto completo, duplicados, literatura cinzenta (teses, dissertações, blogs e resenhas) ou trabalhos estritamente técnicos sem articulação com as práticas culturais da pesquisa.

O levantamento inicial recuperou 228 registros nas bases *Scopus* (121), *Web of Science* (96) e EBSCO (11). Após a eliminação de duplicatas e a exclusão de 8 documentos devido a barreiras linguísticas, falta de acesso ou formato (livros), 72 artigos tiveram seus títulos e resumos analisados, resultando no descarte de 28 trabalhos desalinhados ao tema.

Dos 44 artigos restantes submetidos à leitura integral, 16 foram descartados por não atenderem a critérios específicos, como o foco em patrimônio cultural ou a presença de uma plataforma colaborativa aberta. Assim, a amostra final foi composta por 28 artigos, que constituem o *corpus* analítico desta revisão.

As plataformas identificadas serão analisadas com base nas tipologias de *crowdsourcing* propostas por Estellés-Arolas e González-Ladrón-de-Guevara (2012), que oferecem categorias para classificar e interpretar as formas de participação coletiva. As categorias consideradas estão organizadas em cinco tipos principais, conforme quadro abaixo:

das informações para identificar padrões e lacunas; e a Análise (*Analysis*), etapa final de interpretação dos dados que resulta no mapeamento das plataformas digitais para o *corpus* da pesquisa.

Quadro 1 - Tipos de *crowdsourcing*

	Tipo	Descrição	Subtipos
Crowdsourcing	*Crowdcasting*	Convocação aberta para a solução de um problema específico. A participação é competitiva	—
	Crowdcollaboration	Colaboração coletiva entre indivíduos da multidão, com pouca ou nenhuma intervenção da organização promotora	*Crowdstorming*: geração colaborativa de ideias em sessões de brainstorming online. *Crowdsupport*: ajuda mútua entre participantes, como solução de dúvidas e problemas
	Crowdcontent	Contribuição coletiva de trabalho ou conhecimento para a criação ou busca de conteúdo.	*Crowdproduction*: criação de conteúdo, de forma individual ou colaborativa. *Crowdsearching*: busca de conteúdos disponíveis na internet. *Crowdanalyzing*: análise de documentos multimídia como imagens e vídeos.
	Crowdfunding	Financiamento coletivo de projetos por meio da contribuição monetária de diversos indivíduos	—
	Crowdopinion	Coleta de opiniões, percepções ou avaliações de usuários sobre produtos, serviços ou temas diversos	—

Fonte: elaboração própria (2025), adaptado de Estellés-Arolas e González-Ladrón-de-Guevara (2012).

Essas categorias são fundamentais para classificar e interpretar as formas de participação coletiva.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Após a análise dos 28 artigos, foi possível identificar um grande número de plataformas que utilizam o *crowdsourcing* em sua estrutura. No entanto, para assegurar o enfoque em plataformas estritamente voltadas ao patrimônio cultural, foram excluídas diversas que não se enquadram nesta classificação, desde sistemas voltados à biologia até à genealogia, por fugirem do escopo da análise proposta. Além disso, observou-se que muitas das plataformas voltadas ao patrimônio cultural compartilhavam modalidades semelhantes de interação e colaboração, apresentando equivalência em suas funcionalidades. Dessa forma, para evitar redundância, foram selecionadas cinco, cada uma representando uma tipologia de classificação, seguindo a lógica de categorias de contribuição atribuídas por Estellés-Arolas e González-Ladrón-de-Guevara (2012) (Quadro 2).

Quadro 2 - Plataformas selecionadas

Tipo	Subtipo	Plataforma	Descrição
Crowdcasting	-	*CrowdHeritage*	Utiliza a gamificação e o lançamento de campanhas com recompensas para engajar o público no aprimoramento de metadados de acervos (*Crowdheritage*, [20--]).
Crowdcollaboration	-	*Reciprocal Research Network*	Funciona como uma rede digital de cocriação que integra comunidades originárias, museus e pesquisadores para o desenvolvimento de projetos conjuntos sobre patrimônio cultural (*Registered Records Network*, [20--]).
Crowdcontent	*Crowdproduction*	*Zooniverse*	Mobiliza o excedente cognitivo de voluntários globais para processar

			grandes volumes de dados culturais por meio de tarefas de classificação e transcrição (*Zooniverse*, [20--]).
	Crowdanalyzing	*Arquigrafia*	Adota um sistema híbrido que permite ao público inserir *tags*, corrigir descritores e avaliar imagens por binômios, integrando a linguagem natural aos controles institucionais (*Arquigrafia*, [20--]).
Crowdfunding		*MicroPasts*	Atua como um ecossistema de ciência cidadã que arrecada fundos coletivos para financiar etapas laboratoriais e engaja voluntários na transcrição de documentos históricos (*Micropasts*, [20--]).

Fonte: elaboração própria (2026), adaptado de Estellés-Arolas e González-Ladrón-de-Guevara (2012).

O quadro acima apresenta cinco plataformas e suas respectivas formas de contribuição: *Crowd Heritage*, *Reciprocal Research Network*, *Zooniverse*, *Arquigrafia e MicroPasts*. Com base na classificação proposta por Estellés-Arolas e González-Ladrón-de-Guevara (2012), é possível identificar como cada uma dessas ferramentas operacionaliza a colaboração por meio de estratégias de *crowdsourcing*.[2]

Para representar a tipologia *Crowdcasting*, identificou-se a *CrowdHeritage*. Essa categoria é definida pelos autores como iniciativas nas quais "[...] um indivíduo, empresa ou organização apresenta um problema ou tarefa à multidão, sendo recompensado aquele que o resolver primeiro ou da melhor forma" (Estellés-Arolas; González-Ladrón-de-Guevara, 2012, p. 287, tradução nossa). Alinhada a esse conceito, a plataforma utiliza a gamificação para engajar o público no aprimoramento dos metadados de seus acervos (Toscano; Cobo; Herrera-Viedma, 2022). Para isso, são lançadas campanhas com objetivos e cronogramas específicos,

[2] Ressalta-se que as tipologias de plataformas aqui apresentadas foram adaptadas ao contexto do patrimônio cultural, uma vez que as classificações de *crowdsourcing* propostas pelos autores originais foram formuladas com foco no ambiente empresarial, condizente com suas respectivas áreas de atuação.

que incentivam os colaboradores a atuarem nas anotações dos projetos em troca de recompensas oferecidas pela própria instituição organizadora.

Em sequência, para representar a tipologia *Crowdcollaboration*, identificou-se a plataforma *Reciprocal Research Network* (RRN). Optou-se por não subdividir a análise em subtipos, uma vez que a definição geral do termo é a que melhor se adequa à ferramenta. Segundo Estellés-Arolas e González-Ladrón-de-Guevara (2012, p. 287, tradução nossa), o *Crowdcollaboration* engloba iniciativas nas quais "[...] ocorre uma comunicação entre os indivíduos da multidão, enquanto a empresa iniciadora do processo permanece relativamente à margem".

Nesse sentido, a RRN ([20--]) funciona como uma rede digital colaborativa voltada para a cocriação e a pesquisa sobre o patrimônio cultural da Costa Noroeste da Colúmbia Britânica, a rede agrega acervos de 22 instituições e seu design é focado na pesquisa recíproca (Roca, 2015). Desse modo, a plataforma integra comunidades originárias, museus e pesquisadores, permitindo que desenvolvam projetos conjuntos, compartilhem arquivos e debatam informações sobre acervos de forma integrada (Council of Canadian Academies, 2015).

Para a tipologia *Crowdcontent*, subdividida aqui em *Crowdproduction* e *Crowdanalyzing*, identificaram-se as plataformas *Zooniverse* e *Arquigrafia*, representadas nessa ordem. A subcategoria *Crowdproduction* é definida como iniciativas em que "[...] a multidão deve criar conteúdo colaborando com outros, ou de maneira individual, realizando tarefas de dificuldade variável, como a tradução de fragmentos curtos de texto ou a etiquetagem de imagens" (Estellés-Arolas; González-Ladrón-de-Guevara, 2012, p. 287, tradução nossa).

Esse conceito se enquadra na dinâmica colaborativa da *Zooniverse*, reconhecida mundialmente como uma infraestrutura líder para projetos de *crowdsourcing* em instituições culturais. A plataforma atua mobilizando o "excedente cognitivo" (Van Hyning; Blickhan; Trouille; Lintott, 2017) ao convidar voluntários para processar grandes volumes de dados por meio de diferentes frentes de colaboração, tais como classificação, transcrição e análise de informações.

Já para a tipologia *Crowdanalyzing*, a representação dá-se por meio da plataforma *Arquigrafia*. Essa subcategoria assemelha-se à dinâmica de busca coletiva (*crowdsearching*), distinguindo-se pelo fato de a investigação não ocorrer de forma genérica na internet, mas sim direcionada à análise detalhada de documentos multimídia, tais como imagens ou vídeos

(Estellés-Arolas; González-Ladrón-de-Guevara, 2012). Nesse cenário, a *Arquigrafia* responde a essa premissa ao adotar um sistema híbrido que concede liberdade para o público inserir *tags* livres, corrigir descritores inseridos por terceiros e avaliar imagens a partir de binômios de qualidades opostas. Essa dinâmica alimenta um vocabulário que integra a linguagem natural dos usuários aos controles terminológicos institucionais (Triques; Santos; Albuquerque, 2023).

Por último, a tipologia de colaboração denominada *Crowdfunding* é compreendida como iniciativas nas quais um indivíduo ou uma organização busca financiamento junto à multidão em troca de alguma recompensa (Estellés-Arolas; González-Ladrón-de-Guevara, 2012). Dentre as plataformas recuperadas pela Revisão Sistemática da Literatura (RSL), a única a apresentar essa dinâmica é a *MicroPasts*, voltada especificamente para o financiamento e o desenvolvimento de pesquisas em arqueologia, história e preservação do patrimônio cultural.

A plataforma funciona como um ecossistema híbrido focado em ciência cidadã, que conecta pesquisadores e o público geral por meio de dois pilares: o financiamento coletivo (*crowdfunding*) e a colaboração de mão de obra (*crowdsourcing*). Essa estrutura viabiliza o custeio de etapas laboratoriais que frequentemente carecem de verba, como: análises químicas, datação por radiocarbono e exames de laboratório. Ademais, a plataforma engaja voluntários que desejam contribuir sem aporte financeiro, os quais atuam diretamente na transcrição de documentos históricos.

De modo geral, as plataformas analisadas evidenciam que o *crowdsourcing* aplicado ao patrimônio cultural configura-se como uma estratégia colaborativa voltada à ampliação da produção de conhecimento. As diferentes tipologias identificadas demonstram que a colaboração pode ocorrer por múltiplas frentes, desde a execução de tarefas específicas e delimitadas, como o tagueamento de imagens e a transcrição de manuscritos, caracterizadas como microtarefas, até atividades mais interpretativas, nas quais os voluntários analisam a qualidade das informações descritas, avaliam conteúdos e, em alguns casos, inserem suas próprias percepções sobre o patrimônio representado.

A comparação entre as plataformas evidencia, contudo, que o *crowdsourcing* não constitui uma forma homogênea de participação. Enquanto algumas iniciativas concentram a colaboração em tarefas previamente delimitadas, outras possibilitam maior interação entre participantes, instituições e pesquisadores, aproximando-se de processos de cocriação e produção compartilhada de conhecimento. Essa diferença indica que a presença do público

não implica, necessariamente, o mesmo grau de participação ou de compartilhamento da autoridade sobre a informação.

Nesse contexto, observa-se um deslocamento em relação às práticas tradicionais de produção de conhecimento nessas instituições, historicamente centradas na autoridade institucional. As plataformas analisadas passam a incorporar conhecimentos, interpretações e contribuições oriundas de diferentes grupos sociais, ampliando as possibilidades de participação pública nos processos documentais e informacionais. Entretanto, sua adoção em instituições museológicas não pressupõe uma transposição direta dessas experiências, uma vez que aspectos como infraestrutura, mediação profissional, políticas institucionais e formas de validação das contribuições podem interferir em sua implementação. Assim, tais iniciativas evidenciam o potencial do *crowdsourcing* para ampliar as formas de participação na produção e gestão da informação sobre o patrimônio, incluindo os processos de documentação museológica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo identificar plataformas colaborativas no âmbito do patrimônio cultural que utilizam estratégias de *crowdsourcing* voltadas à ampliação da participação social nos processos de documentação museológica. As plataformas analisadas demonstraram que o *crowdsourcing* pode ampliar as possibilidades de produção, análise e compartilhamento de informações sobre os acervos museológicos, permitindo a participação de diferentes agentes sociais em atividades tradicionalmente técnicas. Os resultados também evidenciaram diferentes níveis e formas de participação, que variam desde a realização de microtarefas até experiências que possibilitam maior interação e cocriação entre instituições, pesquisadores e comunidades.

A documentação museológica ainda se encontra pautada na autoridade institucional, especialmente no que se refere à definição das informações e representações atribuídas aos acervos. Nesse contexto, o uso de metodologias colaborativas mediadas pelo *crowdsourcing* possibilita a incorporação de diferentes interpretações, bem como a realização de correções e complementações informacionais. Tal perspectiva mostra-se relevante sobretudo em acervos relacionados a grupos historicamente marginalizados, cujas representações foram frequentemente construídas a partir de perspectivas externas às suas próprias comunidades. Entretanto, a participação social não implica, necessariamente, o compartilhamento da

autoridade institucional, sendo fundamental considerar os processos de mediação, validação e incorporação das contribuições aos sistemas de documentação.

Por fim, considera-se que o estudo contribui para as discussões sobre documentação museológica colaborativa, no âmbito da Museologia e Ciência da Informação, ao evidenciar diferentes possibilidades de participação na produção e gestão da informação sobre o patrimônio. Além disso, evidencia-se a necessidade de aprofundar debates acerca da mediação institucional, da validação das contribuições colaborativas e das possibilidades de implementação dessas práticas em museus brasileiros.

REFERÊNCIAS

ARQUIGRAFIA. **Arquigrafia**. [20--]. Disponível em: https://www.arquigrafia.org.br/. Acesso em: 03 set. 2026.

BARBOZA, Alice; MENDONÇA, Elizabete. Patrimônio imaterial e musealização: Teoria do Controle Cultural para a gestão compartilhada em museus. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 27, 2024. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/7787. Acesso em: 10 jun. 2026.

BRASIL. **Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm. Acesso em: 2 set. 2026.

BRITO, Jean Carlos Borges; MARTINS, Dalton Lopes. Revisão sistemática da literatura na Ciência da Informação: uma descrição detalhada dos passos metodológicos. **InCID**: Revista de Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, p. 24–47, set. 2023/fev. 2024. Disponível em: https://revistas.usp.br/incid/article/view/209021/200645. Acesso em: 2 set. 2026.

CHAGAS, Mário de Souza. **A imaginação museal**: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009. 258 p. (Coleção Museu, memória e cidadania).

COUNCIL OF CANADIAN ACADEMIES. **Leading in the digital world**: opportunities for Canada's memory institutions. Ottawa: The Expert Panel on Memory Institutions and the Digital Revolution, 2015. Disponível em: https://www.canada.ca/en/heritage-information-network/services/digital-preservation/collections-without-borders.html. Acesso em: 18 nov. 2026.

CROWDHERITAGE. **About CrowdHeritage**. [20--]. Disponível em: https://crowdheritage.eu/en/about. Acesso em: 02 set. 2026.

ESTELLÉS-AROLAS, Enrique; GONZÁLEZ-LADRÓN-DE-GUEVARA, Fernando. Clasificación de iniciativas de crowdsourcing basada en tareas. **El profesional de la información**, [*s. l.*], v. 21,

n. 3, p. 283–291, maio/jun. 2012. Disponível em: https://doi.org/10.3145/epi.2012.may.09. Acesso em: 2 set. 2026.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. Cientificamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia. **Transinformação**, [*s. l.*], v. 18, n. 2, p. 103-112, 2006. Disponível em: https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6330. Acesso em: 2 set. 2026.

GRANT, Maria J.; BOOTH, Andrew. A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. **Health Information & Libraries Journal**, [*s. l.*], v. 26, n. 2, p. 91-108, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x. Acesso em: 2 set. 2026.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LOPES, Thainá; PADILHA, Renata; LADEIA, Mayara. Acervo e diversidade: em busca de novas metodologias de gestão de acervos. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 61, n. 17, p. 67-84, 2021. Disponível em: https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/7579. Acesso em: 3 set. 2026.

MICROPASTS. **MicroPasts**. [20--]. Disponível em: https://micropasts.org/. Acesso em: 3 set. 2026.

OXUM, Mãe Meninazinha de; IANSÃ, Mãe Nilce de; VERSIANI, Maria Helena; CHAGAS, Mario. A chegada do Nosso Sagrado no Museu da República: “a fé não costuma faiá”. In: PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário C. (ed.). **Sociomuseologia**: para uma leitura crítica do mundo. Lisboa: Departamento de Museologia, Universidade Lusófona, 2021. p. 119-140.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Florianópolis: FCC, 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIDGE, Mia; BLICKHAN, Samantha; FERRITER, Meghan; MAST, Austin *et al.* What is crowdsourcing in cultural heritage? *In*: RIDGE, Mia *et al.* (org.). **The Collective Wisdom Handbook**: perspectives on crowdsourcing in cultural heritage. 1. ed. 2021. Disponível em: https://britishlibrary.pubpub.org/pub/what-is-crowdsourcing-in-cultural-heritage/release/2. Acesso em: 10 jun. 2026.

ROCA, Andrea. Museus indígenas na Costa Noroeste do Canadá e nos Estados Unidos: colaboração, coleção e autorrepresentação. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 191-224, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2015.108515. Acesso em: 2 set. 2026.

RRN COMMUNITY. **RRN Community**. [20--]. Disponível em: https://www.rrncommunity.org/. Acesso em: 3 set. 2026.

TOSCANO, Maurizio; COBO, Manuel J.; HERRERA-VIEDMA, Enrique. Soluciones software para sistemas de información web en humanidades digitales. **El Profesional de la Información**, [*s. l.*], v. 31, n. 2, 2022. Disponível em: https://digibug.ugr.es/handle/10481/74561?show=full. Acesso em: 20 jan. 2026.

TRIQUES, Maria Lígia; SANTOS, Raimunda Fernanda dos; ALBUQUERQUE, Ana Cristina de. Aplicações folksonômicas em plataformas colaborativas do patrimônio cultural: análise comparativa dos projetos CrowdHeritage e Arquigrafia. **Palabra Clave**, La Plata, v. 12, n. 2, e188, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.24215/18539912e188. Acesso em: 20 jan. 2026.

TURNER, Hannah. **Cataloguing culture: legacies of colonialism in museum documentation**. Vancouver: University of British Columbia Press, 2020. 256 p.

VAN HYNING, Victoria; BLICKHAN, Samantha; TROUILLE, Laura; LINTOTT, Chris. Transforming Libraries and Archives through Crowdsourcing. **D-Lib Magazine**, v. 23, n. 5/6, 2017. Disponível em: https://www.dlib.org/dlib/may17/vanhyning/05vanhyning.html. Acesso em: 20 jan. 2026.

ZOONIVERSE. **Zooniverse**. [20--]. Disponível em: https://www.zooniverse.org/. Acesso em: 19 mai. 2026.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina pelo suporte institucional. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.